



A GERAÇÃO “DE 40” NO CRATO – HISTÓRIAS DE REPRESSÃO E DE RESISTÊNCIA NOS TEMPOS DE “NUNCA-MAIS”: OS CASOS DE ÂNGELA DE FIGUEIREDO E JOSÉ DE BRITO FILHO

Aparecida Valdcélia Ferreira de Almeida¹

Fábio José Cavalcanti Queiroz²

Tereza Cândida Alves Diniz³

Resumo: Este trabalho, intitulado “A geração “de 40” no Crato – Histórias de repressão e de resistência no tempo de “nunca-mais”: Os casos de Ângela de Figueiredo e José de Brito Filho, tem como foco a análise de duas trajetórias de vida profundamente marcadas pela ação do aparato repressivo da ditadura militar brasileira (1964-1965): Ângela de Figueiredo e Albuquerque Mattos e José Figueiredo de Brito Filho. Os dois, nascidos e criados na cidade do Crato, no Ceará, pertencem à chamada geração “de 40”. Ambos, ainda muito jovens, iniciaram uma vida política ativa e desafiadora, enfrentando os mecanismos de controle social impostos pela ditadura, em uma luta constante contra um sistema que buscava silenciar aqueles que se opunham à ordem vigente. Esta pesquisa trabalha sobre o itinerário biográfico da biografia de ambos, ressaltando suas lutas, trajetórias e desafios. A pesquisa é inserida no campo da História Social, utilizando-se de fontes como a história oral e documentos públicos disponibilizados pela Comissão Especial de Anistia Wanda Rita Sidou, com o objetivo de destacar e preservar a memória de personagens Cratenses no contexto das violências cometidas pelo Estado militarizado.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Resistência. Militância.

¹ Aparecida Valdcélia Ferreira de Almeida, URCA, História, E-mail: aparecida.vferreira@urca.br

² Fábio José Queiroz, URCA, História, E-mail: fabio.queiroz@urca.br

³ Tereza Cândida Alves Diniz, URCA, História, E-mail: tereza.diniz@urca.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, *“A geração de 40 no Crato – Histórias de repressão e de resistência no tempo de ‘nunca-mais’: Os casos de Ângela de Figueiredo e José de Brito Filho”*, propõe-se a refletir sobre as trajetórias individuais de ambos, marcadas pela repressão e resistência durante a ditadura militar, à luz da geração advinda “de 40”: Ângela de Figueiredo e Albuquerque Mattos e José Figueiredo de Brito Filho (Zé de Brito). A problemática da pesquisa se dá a partir da pergunta: de que forma pessoas de cidades do interior cearense lutaram, reagiram e vivenciaram as barbaridades impostas pela ditadura de força ditatorial, e de que forma essas trajetórias seguem desconhecidas e esquecidas pela história local? Por meio dessa reflexão, buscamos evidenciar a trajetória de ambos em um recorte temporal marcado pela ditadura militar.

Ângela de Figueiredo, filha de Jefferson de Albuquerque e Leticia de Figueiredo, nasceu no dia 19 de abril, na cidade do Crato-CE. Sua trajetória política tem início ainda na juventude, no Crato, intensificando-se com sua mudança para Fortaleza durante os anos de chumbo. Militante de esquerda, Ângela foi casada com Paulo Lincoln, com quem compartilhou a vida, histórias e até a prisão, por serem acusados de praticar atividades consideradas subversivas e de participar do PCBR ou de outros segmentos ligados à esquerda. O casal enfrentou diversos desafios durante a ditadura militar, precisando, inicialmente, se exilar no Chile — onde enfrentaram mais uma ditadura, a de Pinochet — e, posteriormente, seguiram para a Alemanha, um país democrático, fixando-se em Frankfurt até 1978. Antes mesmo da Lei da Anistia, retornaram ao Brasil, estabelecendo-se em Recife, onde Ângela infelizmente faleceu ainda muito jovem, no início da década de 1980.

Já José de Brito, também cratense, nasceu em um espaço simbólico entre a fé e o centro de concentrações populares, situado entre as praças da Sé e Siqueira Campos. Assim como Ângela, Zé de Brito iniciou sua militância ainda na juventude. Aos 13 anos, tornou-se editor de jornais de caráter político e militante da FEN (Frente Estudantil Nacionalista), na qual já lutavam pela criação do primeiro colégio estadual do Crato. Zé de Brito também se utilizava das artes como forma de resistência, criando cordéis como instrumento de denúncia e combate ao autoritarismo militar.

Zé de Brito e Ângela, primos de segundo grau, representavam um pertencimento geracional marcado por um engajamento político em comum.

Ambos integraram a chamada geração “de 40”. Os objetivos desta pesquisa concentram-se no resgate de suas trajetórias, visando romper com o esquecimento e o silenciamento de histórias locais, que muitas vezes são ignoradas no contexto educacional e histórico.

Neste período histórico, uma parte significativa da militância contra a ditadura era composta por uma juventude com menos de 30 anos de idade — muitos nascidos na década de 1940. Havia, inclusive, uma canção que dizia: “*não confie em ninguém com mais de 30 anos*”, expressão que simbolizava o espírito inconformado da juventude da época. Nesse mesmo sentido, parafraseando uma passagem do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1977): “*a morte de que se morre de velhice antes dos trinta*”⁴. Ou seja, muitos foram vítimas de um sistema que buscou silenciá-los e apagar vidas que ousaram resistir ao aparato repressivo imposto pela ditadura de face militar.

Por meio de pesquisas referenciais que tratam a biografia como um fundamento importante na História, este estudo fundamenta-se em teóricos ligados à História Oral, História Social, estudos sobre a ditadura militar com recorte na região do Cariri, além de pesquisas sobre memória e resistência. Nesta investigação, utilizamos análise documental, entrevistas orais, bem como pesquisas em acervos particulares e públicos, evidenciando a memória como um instrumento fundamental na luta e na reconstrução histórica.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

De início, a pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento por meio de estudos teóricos e bibliográficos voltados à reconstrução individual no contexto de repressão política durante os anos da ditadura militar. Foi iniciada uma bibliografia sobre a vida e a militância de Ângela de Figueiredo e José de Brito, com base em pesquisas realizadas pelo professor e historiador Fábio José Queiroz. Em paralelo a isso, foi realizada a análise documental a partir de materiais disponibilizados no acervo da Anistia Wanda Sidou, localizado em

⁴ Referimo-nos aqui à canção “Com mais de trinta”, composta pelos irmãos Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, ambos rebentos da década “de 40”. Não custa recordar que a geração da Música Popular Brasileira (MPB), que ganhou notoriedade nos festivais da canção nos anos 1960, praticamente toda nasceu nos anos 1940: Chico Buarque de Holanda, Elis Regina, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee etc. Uma exceção de grande simbolismo é Geraldo Vandré, nascido em 1935.

Fortaleza-CE. Com isso, foi feita uma análise minuciosa dos processos ligados a Ângela e seu esposo, Paulo Lincoln, o que permitiu o acesso a fontes documentais e a compreensão mais aprofundada sobre a atuação, o autoritarismo e a agressividade marcadas pelos agentes do Estado contra militantes de esquerda. Por último, foi realizada uma entrevista com familiares de Ângela, com o intuito de preservar as memórias individuais que complementam as demais fontes.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Esta pesquisa, mesmo ainda em curso, já evidencia como a ditadura militar brasileira (1964–1985) deixou marcas sombrias e profundas sobre aqueles que se colocaram contra o sistema, especialmente militantes ligados a segmentos da esquerda. O levantamento das fontes documentais e os depoimentos obtidos por meio da história oral revelam não apenas os traumas, mas também sentimentos, silêncios e afetos que ultrapassam as histórias individuais de Ângela e Zé de Brito.

As entrevistas com familiares revelam momentos de dor, saudade, medo, coragem, fé e resistência. O presente é reestruturado à luz do passado, reforçando o papel da memória como instrumento de justiça e como forma de dar visibilidade àqueles que o regime tentou silenciar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das trajetórias e vivências de Ângela e Zé de Brito, dois sujeitos do interior do Ceará, torna-se possível evidenciar contextos locais pouco explorados e frequentemente desconhecidos, demonstrando que a ditadura não se restringiu às grandes cidades, mas também marcou profundamente a vida de pessoas do interior. Essas figuras foram protagonistas em processos de resistência, lutando por democracia, justiça e pela reconstrução da história do país.

AGRADECIMENTOS

REFERÊNCIAS

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: nunca mais**. 32.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

BARREIRA, César et al. **Tempos de “nunca-mais”** – as graves violações dos direitos humanos nas universidades públicas do Ceará (1965-1985), Fortaleza: Imprensa Universitária, 2024.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

FIGUEIREDO, Ronald de. **Entrevista** concedida a Aparecida Valdcélia Ferreira de Almeida. Crato, 11 jul. 2025.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **O preço do passado** – anistia e reparação de perseguidos políticos no Brasil, São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARTIN-CHENUT, Kathia. **O sistema penal de exceção em face do direito internacional dos direitos humanos**, in: SANTOS, Cecília Macdowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (Orgs.): **Desarquivando a ditadura** – memória e justiça no Brasil v. 1, São Paulo: Hucitec, 2009.

OLIVEIRA, Papito (org.). **Vozes silenciadas**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009.

PAZ, Carlos Augusto Lima. **Memórias de um combatente**, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2024.